



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 21.6.2013

Hora: 14h

Local: Sala de reuniões do Gabinete da Reitoria

Entrevistado: Jurandyr Navarro

Responsável pela transcrição: Mayane Ranice Costa da Rocha (bolsista)

Carlos Gomes: Um pouco diferente do que eu costumo fazer, mas proclamando o meu orgulho pela demonstração do poder ao patriotismo do povo brasileiro, finalmente se rebelando contra os descasos, pelas suas reivindicações, desprezando as prioridades por que o grande problema brasileiro é esse, se gasta muito, mas não se gasta com as prioridades. Então eu acho que, passado esse episódio, eu acredito que não vai haver mais mobilizações pelo menos nesse momento, mas que os grupos organizados, os estudantes, os médicos, os advogados etc. comecem agora a reivindicar escrito aquilo que se fazia sem muita ordem e reivindicar, ir para ruas, não admitir certos absurdos, levar os... Cercar nossos parlamentares para que não fiquem apresentando projetos bobos sem significação maior, cura gay e num sei o quê, coisas sem nenhuma relevância para o país e deixando à margem tanta coisa importante que nós temos, e o problema com gastos supérfluos é fiscalizar, o que já está feito está feito! Os estados estão aí, agora vamos agora procurar prestações de conta e também exigir aqui mesmo dentro da Universidade. Eu vou fazer minhas reivindicações. Vou já pedir por escrito e insistir que se crie um arquivo condigno para guardar a história da Universidade, que nós não temos. Por exemplo, restaurar o prédio da faculdade de Direito. Está lá, se acabando.

Dar uma destinação efetiva. É nosso. É da faculdade de Direito e da Universidade Federal. Era da União e nós conseguimos que retornasse para a Universidade e está lá abandonado. Dizem que há um projeto, espero que haja mesmo. Então é isso, eu já estava um pouco sem acreditar em nada e de repente eu vi isso. Mas é claro que nós precisamos ainda mais que a nossa policia se aperfeiçoe tecnicamente e tenha um contingente para saber. Era tão evidente o número de baderneiros em relação aos outros, aqueles que estavam com a cara escondida eram bandidos, e a policia não teve capacidade para pegá-los. Estavam maculados, contaminam o movimento. Isso aí está também claro. Valeu à pena, isso aí mexeu. O país apareceu em todas as manchetes, em todos os países do mundo, e Natal...

[Conversa ao fundo].

Carlos Gomes: E Natal teve participação bastante efetiva, e o movimento nasceu aqui em Natal.

[Conversa ao fundo].

Carlos Gomes: Vamos pegar ar para ver se agora vai. Bom, vamos então dar início ao nosso trabalho hoje com duas presenças: professor Jurandyr Navarro da Costa e o professor Hermano Machado que foi, inclusive, o primeiro presidente ADURN. Não é?

Hermano Machado: [Inaudível].

[Conversa ao fundo].

Carlos Gomes: Bom, então nós vamos começar com o professor Jurandyr Navarro, esclarecendo que tudo que a gente solicita aqui faz referência aos atos que aconteceram no âmbito da Universidade, porque a parte documental da Universidade não tem sido muito vasta. Nós não encontramos muitos arquivos, realmente usando a prerrogativa que de cinco em cinco anos deve-se reduzir o número de... Mas não é em tudo, não é?

Alguém pegou ao pé da letra e tocaram fogo até em histórico escolar. Isso jamais poderia ser destruído. Como eu fui coordenador requisitei um e sumiu, tocaram fogo. Então, professor Jurandyr, eu gostaria de fazer uma pergunta: o senhor teve alguma participação na política estudantil mesmo antes de ingressar na Universidade?

Jurandyr Navarro: Tive participação no Atheneu, no Centro Estudantil Potiguar.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Centro Estudantil! Eu acho que é o único que...

Carlos Gomes: É! Centro Estudantil Potiguar, eu fiz parte dele também.

Almir Bueno: O senhor era de que época mais ou menos?

Jurandyr Navarro: Era da década de quarenta para cinquenta. E tinha também uma eleição para deputado estudantil.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu fui Deputado estudantil.

Carlos Gomes: Você foi deputado?

Jurandyr Navarro: Não, eu fui candidato, mas não eleito. Fazíamos as campanhas nos colégios.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E os candidatos gostavam muito que na época nós visitávamos três colégios femininos que eram: Maria das Neves, Maria da Conceição e a Escola Doméstica.

Jurandyr Navarro: Eu lembro que na época um dos líderes era Valdécio Bandeiro.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Na minha foi chapa única. Eu nem pude fazer campanha!

Carlos Gomes: Valdéceio ainda é vivo?

Jurandy Navarro: É!

Carlos Gomes: Foi juiz!

Jurandy Navarro: É! Juiz aposentado pela comarca de Macaíba.

Carlos Gomes: Agora sua vida de estudante não foi aqui. Você foi estudar fora por não haver faculdade de Direito.

Jurandy Navarro: Primeiro eu fiz concurso de medicina, mas não tive êxito, aí passei um ano estudando para fazer de novo medicina. Aí meu pai [Inaudível] queria que eu fosse engenheiro, então colocou um professor de matemática para eu estudar e ser engenheiro. E eu escondi que estudava para medicina. No fim do ano quem me convenceu a fazer direito [Inaudível] Eu era amigo dele e sempre tive essa vontade de ser médico, principalmente para ser médico de interior, médicos dos pobres [Inaudível] e terminei fazendo vestibular em Alagoas. Por quê? [Inaudível] De lá eu fui para Recife. Você vai fazer para Recife ou para Alagoas? Alagoas é mais fácil. [Inaudível] O pessoal em Alagoas só fazia a prova mesmo [Inaudível]. Aí eu fui para Recife.

Carlos Gomes: Ah! Você concluiu em Recife?

Jurandy Navarro: O segundo ano.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Lá teve participação na política estudantil?

Jurandyr Navarro: Lá não.

Carlos Gomes: Você entrou quando? Concluiu quando?

Jurandyr Navarro: 1956.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quem eram seus companheiros? Por que lá a política estudantil era muito forte.

Jurandyr Navarro: A gente era convocado para ir votar em Moacir de Gois. Ele era político lá. Era meu primo [Inaudível]. Moacyr era um dos líderes lá. Aí convocavam, [Inaudível] Ia todo mundo sentado no chão para ir votar. Moacyr era um dos líderes. [Inaudível].

Carlos Gomes: [Inaudível] Com professor Ulisses?

Jurandyr Navarro: Não, com o irmão, [Inaudível]. É o seguinte, as mães diziam que Grinaldo e Moacyr eram irmãos, aí Grinaldo foi o primeiro e colocou [Inaudível] e a única que colocou Navarro foi a de Lucio por parte de Lucio. Então a de Moacyr botou só Góes, o pai de Moacyr de Góes.

Carlos Gomes: Você é parente também de Marcelo Navarro?

Jurandyr Navarro: Marcelo sim. Uma prima minha legítima, cujo pai era irmão de mamãe, [Inaudível], é mãe de Marcelo. Eu sou primo de segundo grau de Marcelo.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ô Carlos? Eu queria dizer aos presentes aqui... Que velho quando se reúne...

Jurandyr Navarro: E no caso eu estou com 1984.

Carlos Gomes: Muito Bem. E você foi professor aqui da Universidade, não é?

Jurandy Navarro: Eu comecei aqui no tempo do Genário da Fonseca e naquele tempo podia ser admitido sem concurso. Aí fui ensinar EPP. Aí fiz o concurso para Ciência Política.

Almir Bueno: Centro de Ciências Sociais.

Jurandy Navarro: Ciências Sociais. Mas antes eu passei pelo Departamento de Direito, ensinei a pedidos, chamado por [Inaudível] Ele parece que era do Departamento de Direito Privado. Aí eu fui dar Direito Comercial nos cursos de...

Carlos Gomes: Contabilidade, Administração... Ou Contabilidade e Economia.

Jurandy Navarro: Depois eu fiz o concurso para Ciências Políticas. Antes eu tinha feito o concurso para Ciências Políticas. O curso tinha uma vaga. Quem concorreu para aquele curso foi Paulo Lobo Saraiva.

[Conversas ao fundo].

Jurandy Navarro: Departamento de Estudos Sociais ou Ciências Sociais?

Carlos Gomes: Era curso de Ciências Políticas e Sociais, não era?

Hermano Machado: Não. No prenúncio do departamento de ciências sociais ele teve um período como estudos... Fundamentos Históricos Sociais e Políticos.

Jurandy Navarro: É que tinha História, Filosofia, depois foi que mudaram.

Carlos Gomes: Muito bem, no histórico documental que a gente localizou constata que você foi convidado para presidir a assessoria de segurança interna.

Jurandyr Navarro: No caso era um serviço, não era nem diretoria. Era um serviço de informação. Fui botado com [Inaudível] de Maio ou Junho de 75 [Inaudível] Eu sucedi a Zacheu. Zacheu ficou no período de... Que foi o primeiro...

Patrícia Wanessa de Moraes: Não, o segundo.

Carlos Gomes: O primeiro foi Carlos Augusto Caldas Garcia. Que me parece que foi só pró-forma, não deve ter funcionado porque, segundo eu soube, professor Onofre não utilizou, mas teria de se nomear. Aí foi nomeado como primeiro presidente o professor Carlos Augusto.

Jurandyr Navarro: Eu fui informado que Aldomar também. Agora passou dias e viu que não tinha vocação, não tinha perfil.

Carlos Gomes: O seu período na ASI foi quanto tempo?

Jurandyr Navarro: De direção mesmo, eu passei meses. Porque logo o professor Lopes Pinheiro, que era chefe do gabinete do Reitor, pediu exoneração, aí com isso eu acumulei durante um ano dois cargos. Aí eu fiquei, fiquei plantado no gabinete do Reitor porque não tinha tempo para nada, era de manhã e de tarde. E a ASI às vezes eu assinava algumas coisas. E a ASI era o seguinte, era um órgão meramente informativo, recebia informações e às vezes não sabia de onde era por que tinha [Inaudível] informantes que ninguém sabia quem eram [Inaudível] Informantes misteriosos.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Essas informações recebiam de quem?

Jurandyr Navarro: Quem recebia eram os funcionários.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Só para entender, eram delações?

Jurandyr Navarro: Às vezes eram delações.

[Conversas ao fundo].

Jurandyr Navarro: Eu não recebia, o serviço recebia. Aí tinha um arquivo, e ele botava num arquivo para depois saber se era verdadeiro ou não, que a gente não dava muito crédito [Inaudível]. Agora eu quero dizer o seguinte: nas proximidades ninguém no meu período, ninguém requereu nada, nem Exército na ASI.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: A ASI não recebeu solicitação.

Jurandyr Navarro: Agora eu não sabia se eles já tinham [Inaudível] informantes informais na Universidade.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Os intermediários.

Jurandyr Navarro: Agora um nome forte no período da ASI era o Ivan.

Carlos Gomes: Ivan Benigno.

Jurandyr Navarro: Esse era um nome forte, esse entedia tudo da ASI. Durante esse período eu fiz o concurso de formação em Fortaleza e fiz um em Brasília. Agora não [Inaudível] Esse curso porque o órgão não tinha uma estrutura [Inaudível]. Eu me ajoelhava, eu sou muito católico, eu chegava a ASI e ele pegava assim o revólver e botava assim na mesa, [Inaudível].

Pessoa não identificada: Quem?

Carlos Gomes: Ivan Benigno.

Jurandyr Navarro: Eu quero dizer que eu não estou acusando ele em nada. Não sei se estava fazendo mal sentado que pegou o revólver e o colocou assim.

Almir Bueno: Aí a ASI funcionava aqui na...

Jurandyr Navarro: A ASI começou onde era a reitoria [Inaudível] Eu sou...

Carlos Gomes: Na Hermes da Fonseca.

Jurandyr Navarro: Onde foi Onofre e Genáro. Aí no começo da gestão de Domingos a Marinha solicitou a sua ocupação. O campus aqui estava em formação. Aí ficou onde hoje é a biblioteca. Assim a ASI se transportou para o lado esquerdo que eu não tomei conhecimento porque eu não entrei uma vez aqui, porque eu já estava dentro do Gabinete do Reitor. De lá mesmo passei e já dei para outra pessoa.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Quem foi seu sucessor?

Jurandyr Navarro: Meu sucessor não foi por [Inaudível] Ele entrou e ficou. Foi Adriel Lopes que veio de Brasília.

Almir Bueno: Mas é, o reitor...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Ele veio de Brasília?

Jurandyr Navarro: Ele estava em Brasília. Ele era funcionário federal, aposentado [Inaudível].

[Conversas ao fundo].

Almir Bueno: O reitor obviamente sabia desse?

Jurandy Navarro: Olha, é o seguinte, nunca Domingues pediu nada a esse órgão de informação. Basta dizer o seguinte, quando ele assumiu tinha três a quatro doutores e mestrados, meia dúzia. Quando ele saiu deixou seiscentos e cinqüenta doutores e mestrados. Nunca ele pediu uma informação. Para ele ir tinha que ir com uma Informação da ASI. Ele nunca pediu informação para ninguém nem servidor, nem aluno, nem professor, até um dia ele disse a mim [Inaudível].

Almir Bueno: Professor, a minha pergunta tem se seguido porque a gente tem vários depoimentos de professores, de ex-chefes da ASI que tinham conhecimento da ASI e despachavam para o senhor, e sabiam da localização da ASI.

Jurandy Navarro: Pedia não, ele não pedia nenhuma informação da ASI para os atos [Inaudível] Ele não recorria.

[Conversas ao fundo].

Carlos Gomes: Mas sabe dizer se na gestão anterior as coisas eram assim que funcionavam?

Jurandy Navarro: Acho que não. Pelo [Inaudível] Era mais militar. Porque assim, o afrouxamento da ASI ficou com um [Inaudível] Por exemplo: antes da ASI tinha a SGI. A SGI era [Inaudível] para os bacharéis tinha uns processos, formação para instruções. A gente fazia a comissão da SGI para combater a corrupção dos ministros

Carlos Gomes: Isso aí foi fora da Universidade.

Jurandy Navarro: Era um processo contra vários políticos. Tinha uma estrada que chamávamos estrada de borrachas, que fizeram até Caicó [Inaudível] Era um trabalho

mais sério porque tinham processos formados. A ASI não era só informativo, era meramente informativo.

Almir Bueno: Que tipo de informação?

Carlos Gomes: Alguém falou aqui, não me lembro do depoimento, de que a ASI recebia solicitações da Aeronáutica, da Marinha...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Foi Zacheu... Todas as informações foram claras. Eu sei porque fui eu quem fez a pergunta. Todas as informações que ele tinha não eram feitas pela ASI dos órgãos militares. Quando a Universidade necessitava de algum parecer sobre servidor, professor e aluno, ele recorria às informações dos três serviços. Isso é textual e está na ata.

Jurandy Navarro: Domingos nunca recorreu a ASI. Ele disse que queria se livrar.

Conceição Fraga: Aqui nessa Universidade, eu sou professora do Departamento de História. Quando a gente ler sobre aquela época a gente observa que a ASI fazia parte do aparato repressivo. Então ela mapeava... Eu estou muito surpresa com a informação que senhor dá porque quando a gente pega as fichas dos presos ou pessoas que de alguma forma foram acompanhadas pela repressão. Ele não foi só uma verdadeira geografia política, mas às vezes eram inverdades e sempre respaldadas pelas informações dela obtidas pela Assessoria de Informação das universidades da ASI.

Jurandy Navarro: Sim, mas a Assessoria de Informação da ASI [Inaudível] Um funcionário... Digamos extra-alto, o funcionário que tinha lá digamos, se informava fora da ASI de alguma coisa, pegava o documento e levava para o chefe.

Carlos Gomes: Quer dizer que lá não se formalizava processo nenhum.

Jurandy Navarro: Oficialmente não.

Conceição Fraga: Não, mas certamente os processos...

Jurandy Navarro: Tinha para eu assinar algumas coisas. Tinha uns processos da assessoria chefe de Brasília. Teve um caso, que eu não sei se você se lembra, Danilo Medeiros...?

[Inaudível].

Jurandy Navarro: Danilo era professor daqui do curso de Direito. Pois bem. Quando eu cheguei lá ele tinha sido afastado, [Inaudível] Aí ele foi injustiçado. Quando formalizamos o processo dele para dizer a verdade ninguém sabia nada contra ele e, mesmo assim, foi afastado. Aí conseguimos tirar essas insinuações que estavam contra ele e ele retomou a sala de aula.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Essas [Inaudível] eram de cunho ideológico?

Jurandy Navarro: Eu não sei.

Carlos Gomes: Eu também nunca ouvi falar.

[Inaudível].

Jurandy Navarro: Nós declaramos um processo e foi aceito. Tinha, mas eu nem me lembro o nome. Era o chefe lá de Brasília [Inaudível] officiei a eles.

Conceição Fraga: Tem um professor [Inaudível] que gosta de participar de evento muito corretamente com funcionários [Inaudível] e de certa forma quem eram as pessoas responsáveis, eram pessoas de confiança, tinham que ser de confiança do reitor porque trabalha com ele, subsidiava informações para ele e para um aparato de repressão, porque estava num exercício de um ofício. Por mais pobre que esse país

estivesse, fizemos o papel como a gente achou certo, pois tínhamos um número muito pequeno para passar informação, dedurar... Eu não tenho nada contra o senhor, mas a gente está aqui para saber a estrutura de formação, porque pessoalmente o senhor parece muito simpático.

Jurandyr Navarro: Quando eu cheguei lá, a estrutura já estava formada, a estrutura da ASI, basta dizer assim. Um serviço muito deficiente. O corpo estrutural tinha três funcionários. Como é que pode um aparto de informações terem três. Eram o Benigno, uma filha de Luiz Cavalcante – Izolda que era do arquivo – e outra senhora que estava lá e que era muito estranha. Eu nem me lembro mais o nome dela, porque essas coisas assim.

Conceição Fraga: Se o senhor não gostava imagina um monte de jovem.

Almir Bueno: Qual era o nome dela?

Jurandyr Navarro: Não me lembro, nunca soube. Quando entrava na ASI, na reitoria, [Inaudível], ficavam na escada batendo papo, e eu entrava e saía para ninguém me ver. [Inaudível].

Almir Bueno: É exatamente isso que a gente está reconstituindo nessa Comissão. Porque assim a ASI está se mostrando um verdadeiro órgão fantasma. Todo mundo sabia que ela existia, mas nunca ninguém localiza materialmente, mesmo aqueles que deveriam saber por até o ofício conhecer dizem que não sabem. A gente já entrevistou aqui dois ex-reitores que não sabiam nem onde ficava. Mesmo o senhor, que era o chefe naquele momento, o senhor evitava o local para não saber nem o nome da funcionária.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: O órgão mais secreto que já existiu, nem os ex-reitores sabiam onde era.

Juan de Assis Almeida: Mas, professor Almir, era um órgão institucional, existia pessoal lotado lá. Tinha uma placa de identificação na porta dizendo “ASI UFRN”, não era sigiloso não, era oficial.

[Inaudível].

Conceição Fraga: A gente sempre procura saber no anterior, pelo menos [Inaudível] como é que eram os alunos, quem eram os funcionários. O senhor não teve nenhuma curiosidade em saber antes como esteve?

Jurandyr Navarro: O quê?

Conceição Fraga: Nas funções administrativas a gente procura saber para fazer bom [Inaudível] Então quer dizer que o senhor foi bom gestor da ASI.

Jurandyr Navarro: Não, eu passei pouco tempo lá.

Conceição Fraga: O senhor não procurou saber como funcionava, quem eram os funcionários?

Jurandyr Navarro: Na gestão de Domingos eu passei poucos meses porque eu fui para a chefia de Gabinete. A atribuição de chefe de gabinete tomava o tempo todo. Eu fui treinado. A senhora está dizendo aqui que os órgãos de repressão sabiam de tudo. Eu fui saber não sei se ele vai dizer, Varela Barca. Eu era muito amigo de Varela Barca e Pirangi, aí coincidiu a gestão de Domingos e a formação do secretariado. Então eu soube que ele tinha me indicado. Aí pode perguntar: “Jurandyr, você é um homem de direita”, então ele disse: “É melhor ter um amigo de direita do que um inimigo de esquerda”. [Inaudível] Ele confiava em mim porque ele me conhecia.

Conceição Fraga: Sim, mas o senhor tentou ver como funcionava para exercer sua função. O senhor precisaria saber como era sua função para a lógica do trabalho das suas atividades.

Jurandyr Navarro: Eu procurei saber, no começo, mas era uma coisa muito assim... Muito vazia. Não havia um expediente para assinar todo o dia.

Conceição Fraga: Mas o senhor está dizendo o que não tinha, e o que tinha?

Jurandyr Navarro: O que tinha eram os arquivos, tinha... Eu não sei se era rádio o que tinha.

Conceição Fraga: Mas eu não estou falando de infraestrutura. Eu digo o que tinha de lógica de funcionamento. Por exemplo: você exerce uma função administrativa na pró-reitoria de extensão. Você tem a coordenação de eventos... Esse aqui faz isso, esse faz isso, como é que era?

Jurandyr Navarro: Tinha esses três funcionários...

Conceição Fraga: Mas as funções deles?

Jurandyr Navarro: As funções eu não lembro.

Conceição Fraga: Era uma estrutura repressiva.

Jurandyr Navarro: Era uma coisa vazia, a estrutura era muito vazia. Agora, isso aí já faz quarenta anos.

Conceição Fraga: 1975!

Carlos Gomes: Foi no começo de Domingos.

Conceição Fraga: Pois é, em 1975 estávamos saindo das torturas pesadas.

Jurandyr Navarro: Mas veja só o seguinte, já faz quase quarenta anos. Eu não tenho uma memória de dar detalhes.

Conceição Fraga: É porque os depoentes que vieram para aqui e foram ouvidos, eles normalmente têm uma memória pormenorizada.

Jurandyr Navarro: Eles têm condição de dizer mais do que eu, principalmente a pessoa que sofre com aquilo fica gravado no subconsciente.

Conceição Fraga: Isso é verdade.

Jurandyr Navarro: Eles vão ter mais possibilidade de dizer do que eu.

Carlos Gomes: Há um assunto que surgiu recentemente. A acusação a um professor da Universidade a um estudante da Universidade que deixou a gente assim, um tanto em dúvida. O professor Ivaldo Caetano esteve aqui. A gente perguntou a respeito. Há uma acusação a José Bezerra Marinho, e essa acusação seria... Originalmente a acusação foi dada que ele chegou a entrar na casa do estudante e de cama em cama ele traçava o perfil de cada um dos...

Juan de Assis Almeida: Foi o professor Juliano Siqueira.

Carlos Gomes: É, foi. Quando Ivaldo Caetano esteve aqui, a gente perguntou, e ele disse que ele morava e inclusive foi dirigente da casa. Ele não confirmou, disse: “É, andaram falando alguma coisa assim”, mas não confirmou e não deu detalhes. Posteriormente, em um dos documentos, Juan descobriu que isso aqui é um documento da ASI, onde existe uma expressão que diz o seguinte: “Participou do primeiro

Congresso de Direito do Trabalho e Prevenção Social na faculdade de Serviço Social da Universidade, tendo sido coordenador do congresso, colaborando intensamente com a AESI da UFRN no controle de obtenção de informes necessários à elaboração de plano de segurança e manutenção da disciplina”.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Isso é sobre José Bezerra Marinho?

Carlos Gomes: É.

Jurandy Navarro: Deixe-me ver o ano. Ah, é 1972.

Juan de Assis Almeida: Professor, é bom ler até o final que fala do desejo dele de melhorar a imagem dele aqui dentro.

Patrícia Wanessa de Moraes: Por que ele era considerado até de esquerda.

Carlos Gomes: Deixe-me ler aqui, “[...] Plano de segurança manutenção e disciplina revela-se em plena recuperação desejoso de apagar a imagem que criou ou criaram em torno de sua pessoa.”

Jurandy Navarro: Em 1972, eu não era nem da Universidade.

Conceição Fraga: O senhor era de onde?

Jurandy Navarro: Em 72? Eu era funcionário de Estado. Eu fiz concurso de 75 para 76.

Conceição Fraga: Tinha concurso? O senhor era de onde?

Jurandyr Navarro: No começo a senhora não tinha chegado ainda. Eu fui admitido pela [Inaudível]. Depois fiz concurso para Ciência Política em 75 para 76.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Eu vou chamar José Bezerra. Eu estou só atrás de localizar o endereço dele. Claro! Mostrar as acusações que existe contra ele, então!

Jurandyr Navarro: Isso aí é anterior à minha gestão. Três anos isso.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Essa ASI é a do ministério?

Carlos Gomes: É a mesma coisa. É que ficou mudando de nome: é ASI ou AESI. Parece que o “E” é “especial”

Patrícia Wanessa de Moraes: É a mesma coisa.

[Inaudível].

Juan de Assis Almeida: Professor, quando era DI-MEC era divisão de segurança e informação. As ASIs eram das universidades.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Porque o título é Ministério de Assessoria.

Juan de Assis Almeida: Não, mas é...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É universitário.

Jurandy Navarro: Quanto ao Marinho ele é uma pessoa honrada aqui na Universidade, um cidadão digno. [Inaudível] Soube uma vez que ele tinha sido detido num congresso aí.

Carlos Gomes: É, ele foi detido no Congresso de Ibiunas. Eu fui visitá-lo nesse tempo. Onde é o ITEP tinha o primeiro andar e ele ficou lá.

Jurandy Navarro: Mas é um cidadão honrado. Nunca soube nada dele não.

[Inaudível].

Conceição Fraga: Ele foi preso antes da acusação ou depois?

Carlos Gomes: Não, foi antes.

Juan de Assis Almeida: Foi antes.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Foi em 1968.

[Inaudível].

Carlos Gomes: É isso aí. A gente pode melhorar o esclarecimento realmente convocando-o. Porque até agora é a palavra do primeiro depoente esse documento e Ivaldo que disse não... Não pode afirmar isso.

[Inaudível].

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É preciso saber quem era da época 28 de agosto?

Carlos Gomes: Qual é o ano?

Jurandyr Navarro: 1972.

Carlos Gomes: Mas quando ele foi preso?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: 1968.

[Inaudível].

Carlos Gomes: É fácil de saber. Ele era compadre de Adilson. Vou conversar com Adilson para saber alguma coisa sobre...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: E seria interessante o depoimento do chefe da ASI de 1972.

Almir Bueno: Zacheu.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Eu posso entrar em contato com Zacheu para saber alguma coisa sobre José Bezerra Marinho.

Juan de Assis Almeida: Tem José Fernandes Machados também, que foi impedido de entrar na Universidade na época de Zacheu também.

Carlos Gomes: É, eu me lembro de Machado. Ele foi meu colega. Então eu não sei, eu não acompanhei o processo. Parece que ele conseguiu depois. Ele entrou com uma ação, ganhou e foi reintegrado.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: O mais interessante nesse registro da ASI é que usa a palavra recuperação duas vezes.

Conceição Fraga: E assim, sem nenhum prejulgamento. Mas para nós, como pesquisadores, preso em 1968, acusado em 72, depois teve a pena reduzida. Quero dizer, para a gente investigar depois. Não sei.

[Inaudível].

Juan de Assis Almeida: Tem assim: “Participação voluntária ao comando militar no projeto Rondon, revelando o desejo de recuperação.”

Carlos Gomes: A impressão que dá é que ele se arrependeu do posicionamento dele no tempo de estudante. Agora por que e o que lucrou com isso, só ele vai dizer. Muito Bem. Alguma pergunta mais?

[Inaudível].

Mayane Ranice Costa da Rocha: Boa tarde. Sabemos através de documentações desse período da ASI que havia essa rede de articulações entre a ASI, ASI/ETFERN, ASI/TELERN. Então a dúvida que surge é como se dava essa articulação entre todas as ASIs e qual era a necessidade dessa articulação?

Jurandy Navarro: Articulação a respeito de quê?

Mayane Ranice Costa da Rocha: Das informações.

Carlos Gomes: De outros órgãos. Surge que a COSERN. Tinha uma ASI...

[Inaudível].

Jurandyr Navarro: Eu não tive conhecimento que havia outras. Eu desconhecia que havia outras.

Mayane Ranice Costa da Rocha: É porque assim... A documentação tinha origem ASI/UFRN, difusão: ASI/TELERN. ASI/ETFERN ...

Juan de Assis Almeida: DOPS, Polícia Federal...

Mayane Ranice Costa da Rocha: A gente vê que havia essa articulação. Essa troca de informação entre outras ASIs. A dúvida que surge é justamente essa: como se dava essa articulação?

Carlos Gomes: Se havia?

Jurandyr Navarro: Não existia, ou então eu desconhecia. Eu passei pouco tempo na ASI. Eu não [Inaudível].

Carlos Gomes: Pode ser que essa pergunta seja ótima para Zacheu.

Almir Bueno: O senhor passou alguns meses de 1975?

Jurandyr Navarro: Foi, passei. [Inaudível].

Conceição Fraga: Mas assim, me tire só uma curiosidade: o senhor era [Inaudível]. A profissão maior é o de chefe de gabinete. Depois do diretor é ele. O vice-reitor é só na ausência. O chefe daquele trabalho fica ao lado do reitor, então o senhor passa a ser o homem de mais confiança ainda...

Jurandyr Navarro: [Inaudível].

Monique Maia de Lima: Professor, só para assim esclarecer mais e para ficar mais específico. Dentro dos documentos analisados nós encontramos ofícios, informativos, correspondência, e em sua grande maioria esses documentos tinham um carimbo confidencial. Chama atenção um caso específico. Encontramos bastante coisa. Temos ali uma caixa. É o caso do senhor Marcondis Mundi Guimarães, que foi investigado em decorrência de ter sido indicado para assumir o cargo de coordenador de planejamento do ETFERN. Nessa investigação foram encontradas acusações de apoio em movimentos e atos considerados subversivos no meio estudantil no período de 1968 a 69. Nesse período Marcondis era diretor do colégio Atheneu. Mesmo o investigado tendo sido considerado inocente das acusações, ele não foi tratado para o cargo indicado. Encontramos na maioria desses documentos a assinatura do professor e a nossa dúvida seria: para quê uma justificativa para essa investigação tão ampla em relação a uma pessoa, para um cargo que nem seria aqui dentro da Universidade, sendo um cargo para outra instituição?

Carlos Gomes: Quem era? O nome dele?

Monique Maia de Lima: Marcondis. Ele era diretor antes. Ele estava almejando o cargo de coordenador de planejamento do ETFERN e foi indicado para esse cargo. O nome dele foi indicado, mas houve uma série de investigações, e nessas investigações encontraram vários casos que ele...

Carlos Gomes: Com indicações contrárias a ele...

Monique Maia de Lima: Manifestações no Atheneu que ele teria concordado e apoiado. Essas informações caíram na ficha dele e por este motivo ele não foi contratado.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: O parecer foi da ASI daqui também?

Monique Maia de Lima: Assim... Passou pelo daqui. Porque foi assim, passou por vários...

Conceição Fraga: [Inaudível].

Monique Maia de Lima: No caso não que a ASI tenha investigado, mas recebeu essa documentação contendo todo o histórico desse senhor e tem uma correspondência até mesmo do senhor Marcondis ao diretor perguntando o porquê, já que ele foi absorvido, que não conseguiu o cargo de coordenador do ETFERN.

Carlos Gomes: Você se lembra desse caso de Marcondis?

Jurandy Navarro: Eu posso ter dado um despacho, porque a ASI não era um órgão decisório, nem de julgar. Era apenas informativo. Passou o processo.

Conceição Fraga: Dê-me uma opinião. Mesmo que a ASI fosse consultiva – embora nós saibamos que era uma consulta quase que carimbada –, o que vinha da ASI era o que valia para o reitor e para as autoridades. E aí eu pergunto: o que o senhor acha, mesmo tendo passado, sabendo hoje que alguém se prejudicou por causa de uma assinatura, porque apenas o senhor estava fazendo tramitar uma informação, mas alguém se prejudicou. Como o senhor ver isso hoje?

Jurandy Navarro: Aí é o seguinte: eu disse que pode até ter sido um despacho interlocutor, como pode ter sido decisório. Eu estou dizendo que a ASI não decidia nada. Para uma decisão tinha que levar ao conhecimento do reitor.

Conceição Fraga: Então, mas como o senhor observa uma informação dessa, pelo peso que pode prejudicar a vida de uma pessoa como várias que aqui deram depoimento e foram enquadrados no 477. Alguém que deixou de ser professor da Universidade, de ser técnico da Universidade...

Jurandyr Navarro: [Inaudível]

Conceição Fraga: Eu estou dizendo, passado esse tempo... Eu já ouvi, por exemplo, como a gente vê aqui pessoas da esquerda que foram para o outro lado.

Jurandyr Navarro: Mas isso precisaria fazer um processo, uma coisa de alta indagação, um processo. A ASI não fazia, dava meros informes.

Conceição Fraga: Eu sei, mas o senhor como pessoa, cidadão... Veio a informação que um dia, nesse país, alguém perdeu o emprego, alguém perdeu uma profissão, alguém perdeu um caminho na sua vida por causa de uma informação dada, que aparentemente o senhor achava que era uma informação simples.

Jurandyr Navarro: Ninguém precisa perder emprego não. Eu não passei constantemente lá não [Inaudível].

Conceição Fraga: E como é que se dava para assinar?

Jurandyr Navarro: Não, não dava, um dia um processo só...

Almir Bueno: O senhor deu uns despachos só...

Carlos Gomes: É. “Assine um ofício recebendo documento aqui”. Daí recebia o documento!

Conceição Fraga: Em registro, porque em vários depoimentos isso... Desde a Segunda Guerra Mundial, você tem e aqui na ditadura também. Por exemplo: [Inaudível] a ordem que vem das forças armadas vem para eles cumprirem, a ordem vinha dos reitores e eles cumpriam.

Jurandy Navarro: Mas a senhora conhece aqui. Olhe eu nunca recebi nenhum ofício, nada das forças armadas. Durante a minha gestão lá, as forças armadas [Inaudível] Em regime de sessão todos têm – Nazismo, Fascismo, Comunismo – os informantes misteriosos. Não precisa nem as forças armadas solicitem. Eles já sabiam por trás, sabe? Não precisava se declarar, pedir. Às vezes era até ruim para eles. No meu tempo, nunca foi feito um ofício, nem telefonema de nada sobre as forças armadas em relação à Universidade.

Conceição Fraga: Mas eu não estou falando em relação às forças armadas. Não tem um documento assinado pelo senhor, não tem? O senhor recebeu e apenas fez esse documento passar, mas é isso que eu digo. O senhor tinha consciência que essa simples assinatura, esse simples documento ao passar no final da cadeia com [Inaudível] com botão, argola, podia ser um paletó bem feio, esse simples carimbo do senhor lá no final podia ter prejudicado alguém? O que o senhor pensa sobre isso?

Jurandy Navarro: [Inaudível] Não vamos desfazer esse seu raciocínio. Acho que eu ou qualquer pessoa.

Monique Maia de Lima: Eu vou fazer a pergunta de novo. Não seria a questão de julgamento e o porquê. Não! Não é essa a questão. A questão é que encontrei esse caso e realmente passa por todas essas instituições. E assim a questão é: Para a ASI, passa por outras instituições, porque haveria esse comportamento, qual era o motivo, a razão, a justificativa dos órgãos para haver essa investigação, para assumir qualquer tipo de cargo? E assim, qual é a justificativa, por que não era uma pessoa que seria empregada aqui dentro, para a Universidade?

Carlos Gomes: Não era uma pessoa vinculada à Universidade.

Monique Maia de Lima: A questão é: era investigado mesmo para assumir o cargo em outra entidade, para um cargo de...

Carlos Gomes: Não teria sido algum ofício pedindo informações...

Monique Maia de Lima: É sim, nós temos aqui.

Carlos Gomes: Vendo o documento é mais fácil.

Kadma Maia: Na verdade, professor, ela quer saber que vinculação teria a ASI da UFRN com essas outras instituições, considerando que as informações para alguém que fosse contratado em outro órgão, buscavam-se também na ASI.

Conceição Fraga: E o senhor acabou de afirmar que desconhecia que a ASI existia na Universidade e nas outras instituições...

Carlos Gomes: Vamos ler os documentos, que fica melhor. É um ofício em que Jurandy Navarro encaminha à “xerox” um libelo acusatório e relatório ao presidente de um grupo de trabalho. Isso aqui é encaminhando para doutor Ruy Xavier Bezerra.

Almir Bueno: Que era chefe da ASI?

Juan de Assis Almeida: É chefe da ASI/ETFERN.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Chefe da ASI de onde?

Conceição Fraga: Chefe da ASI/ETFERN.

Carlos Gomes: A ASI enviou o anexo de uma documentação, que foi solicitado como outro órgão, que não era da Universidade. Esse era a...

Juan de Assis Almeida: A ASI/ETFERN.

Carlos Gomes: Não, não era... Era A ASI/ETFERN! A ETFERN tinha uma ASI também, chefiada.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Por quem foi assinado?

Carlos Gomes: Ruy Xavier Bezerra. Professor Ruy Xavier Bezerra.

Jurandyr Navarro: E eu disse a pouco que eu desconhecia as outras, porque não estava lembrado. Eu posso ter assinado sem saber.

Carlos Gomes: Isso aqui é meramente encaminhando os documentos solicitados.

Almir Bueno: Existia uma ASI...

Carlos Gomes: Existia!

Almir Bueno: Isso aí está provando que existia essa relação...

[Inaudível].

Carlos Gomes: Como existia na COSERN.

Mayane Ranice Costa da Rocha: E o que a gente observa é que nos momentos posteriores essa articulação continua. Em 1977, têm articulações com a ASI/ETFERN

Carlos Gomes: Sim. Obviamente teria que se haver articulação. São órgãos da mesma natureza, teria que ter. Eram trocas de informações, só que uma ficava na escola técnica, a outra na COSERN. Esse é um documento que...

Juan de Assis Almeida: É o anexo.

Carlos Gomes: Ah! É o anexo. É o tal anexo que foi solicitado, e esse anexo, esse documento, não é da ASI. É da sétima Brigada.

Almir Bueno: O fato da Comissão que interessa para nós, que o senhor disse que não lembrava, mas agora lembra, é que, havia aquela ação entre as ASIs, as várias ASIs.

Carlos Gomes: Havia a troca de informações dos órgãos.

[Inaudível].

Carlos Gomes: É, está comprovado que havia uma articulação. Mas era natural que houvesse.

Almir Bueno: Natural que houvesse é uma coisa, agora a gente veio aqui para esclarecer.

Carlos Gomes: Claro! Não, porque havia a dúvida se havia essa articulação. Bom, aqui é um documento encaminhado, com os anexos enviados oriundos do grupo de trabalho “Carlos Alberto Pamplona Moura” foi enviado. E esse aqui é do grupo de trabalho, é a mesma coisa. Esses dois documentos foram os documentos enviados por ele por solicitação da Escola Técnica. Juan, tem mais alguma coisa?

Juan de Assis Almeida: Professor, aqui são dois ofícios enviados pelo assessor de informação da ASI. O primeiro ao delegado do DOPS/RN e o segundo ao diretor do Instituto Técnico e Científico da Polícia. Nesses dois ofícios o senhor faz menção ao inquérito instaurado na Universidade em 04 de maio de 64 do reitor Onofre Lopes. O senhor teve acesso a algum documento produzido por essa comissão de inquérito? Porque quem presidia era Genário Fonseca.

Jurandy Navarro: Não! Não me lembro.

Carlos Gomes: A gestão dele é a de Domingos. Deixe-me ver aqui.

Juan Almeida: O senhor está respondendo a um ofício do DOPS. Esse ofício o senhor disse que não consta nada do inquérito de 64 e fala sobre Maria Iracema Lucas, que ela não tinha participação de caráter subversivo. O senhor deve ter tido algum acesso à informação pra saber...

Carlos Gomes: É porque a documentação da Universidade toda devia continuar no arquivo. Esse arquivo que a gente infelizmente não viu.

Monique Maia de Lima: É isso que a gente...

Carlos Gomes: E Maria, a propósito, eu conheci muito essa pessoa. Estão acusando ela de quê? Ela era médica e depois se formou em Direito.

[Inaudível].

Monique Maia de Lima: É isso que a gente...

Carlos Gomes: Olhe aqui. É só um documento informativo dizendo que não há nenhuma indicação a ser pronunciada. Realmente um despacho interlocutório, e a ficha totalmente limpa. Professor Almir, por favor, junte aí...

[Inaudível].

Carlos Gomes: Isso aqui é um documento respondendo a uma solicitação do doutor Rodolfo Pena Lima, a respeito de outra pessoa, doutor Pedro Simões Neto. Para saber se havia alguma coisa e ele está respondendo que: “Em atendimento a pedido verbal do interessado, comunico que para benefício do doutor Pedro Simões Neto, foi ouvido no inquérito instaurado na Universidade para apurar atos de natureza subversiva, tendo sido

toda via indiciado naquele inquérito no relatório o qual ficou como suspeito de atividade subversiva”.

Monique Maia de Lima: Só que inquérito é esse aí?

Juan de Assis Almeida: Mostra que ele tinha acesso ao inquérito da Universidade.

Carlos Gomes: Deve ser o inquérito da Universidade... São alguns inquéritos que a gente anda atrás e Roberto Monte me jurou que tem, e vai me trazer, mas não traz.

Conceição Fraga: Esse documento que a Comissão da Verdade tem em mãos ele não pode ser subestimado, porque confirma a pergunta que eu havia feito.

Carlos Gomes: Não, que houve articulação, sim...

Conceição Fraga: O papel que teve as pessoas que assumiram. Porque as pessoas que assumiram a ASI, ela era chamada, como o documento pergunta, fulano de tal. Hoje em dia, quando você vai assumir uma função pública você tira várias certidões negativas senão não fica. Naquela época o que é que a ASI diz! Ela é essa certidão negativa. Então o que é que eu estou dizendo: que uma informação da ASI, ela não é uma simples informação, era uma informação que podia definir a vida profissional de uma pessoa. Quando ele diz neste documento, ok! Ela não tem! Bacana, quantos não foram dito ok! Não estou dizendo necessariamente na gestão dele, mas na ASI, quantos a ASI não disse OK!

Carlos Gomes: O problema, professor Jurandyr, é que nós não encontramos os arquivos da ASI, daí a gente está tateando. Estamos tentando aqui e ali. Esse documento, por exemplo, a gente só tomou conhecimento...

Patrícia Wanessa de Moraes: Graças a essa documentação. Porque esses documentos foram oriundos do antigo ETFERN. Então ela se comunicava tanto que a gente pode ter um resultado dessa documentação, mas não de onde brotava.

Juan de Assis Almeida: Esses documentos nenhum foram encontrados na Universidade.

Carlos Gomes: Esses documentos me foram entregues pessoalmente pela irmã de Pedro Simões. Quer dizer, ele detinha e foi secretário de segurança. Então ele conseguiu alguns documentos que ficaram muito bem guardados. Como ele faleceu, a irmã me entregou esses e mais outros documentos. Quero dizer, esses documentos são originais. Ele conseguiu certamente na função de secretário de segurança.

Conceição Fraga: E assim, até para lembrar à Comissão, a Universidade me parece, naquela época, naquelas razões, que deu uma limpada nos documentos, mas como todo termo tem mais de uma origem própria, aí vai aparecendo.

Carlos Gomes: Porque você sabe que nós temos uma literatura que fala o que houve no governo Collor. Ele tinha recomendado que se destruíssem documentos e tal. Em alguns [Inaudível] do Brasil, ele destruiu, em outros não. No nosso, nós não temos provas que foram destruídos. A gente está descobrindo assim de pedacinho.

Almir Bueno: A gente tem toda aquela documentação que está apresentando agora da ASI de Caicó.

Carlos Gomes: Sim, as fichas.

Almir Bueno: As fichas, principalmente de estudantes.

Carlos Gomes: Caicó também tinha uma ASI.

Almir Bueno: Aliás, as fichas tinham nome, entrada na Universidade, profissão, mas só isso. Não tinha nenhum juízo de valor, nada de subversivo, comunista, mas só isso de entrada.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Mas o aluno e o professor sabiam que tinham fichas.

Almir Bueno: Sabiam, exatamente.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É isso que eu defendi aqui, naquela reunião anterior. Era a espada na cabeça de professores, servidores e alunos. Ela foi mantida só por opção burocrática, e essa é a razão pela qual ela já havia sido extinta a nível federal e ela ficou aqui resistindo até a gestão de Genivaldo. Foi só para assustar.

Patrícia Wanessa de Moraes: Foi retirada daqui em 1985.

Carlos Gomes: Tem mais algum documento?

Juan de Assis Almeida: Só para mostrar os funcionários que eram da ASI. Não o nome das pessoas, mas o que continha: um assessor de segurança e informação, um agente administrativo e um datilógrafo.

Hermano Machado: Quem era o assistente administrativo?

Juan de Assis Almeida: Não tem o nome, só as funções.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Eu tive contato com Izolda, e ela me disse que tinha sido uma mera arquivista, e que quando ela saiu de lá outras pessoas ficaram e que não sabia quem

eram. Resultado: a gente perdeu realmente o contato. Não, não, eu falei com quem pelo amor de Deus! Eu falei com Siqueira.

Juan de Assis Almeida: Araci Siqueira.

Carlos Gomes: Araci. Falei com Araci, e ela disse: “Olha, fiquei lá e esses documentos no meu tempo não mandaram tocar fogo, estavam lá. Agora eu não sei como foi que ficou”.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Fazer uma pergunta: você sucedeu a Zacheu? E já encontrou Ivan Benigno?

Jurandyr Navarro: Foi.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: O professor Zacheu omitiu essa informação. Ele não falou em Ivan Benigno não.

Carlos Gomes: Olhe, eu estou com o e-mail de Ivan Benigno, já fiz uma primeira. Não! Ele descobriu, ele descobriu que eu era presidente da Comissão, porque ele me mandou um e-mail querendo ser meu amigo no facebook, aí eu imediatamente confirmei! Eu estava para ver o endereço dele. Confirmei na hora. Aí aproveitei depois de uns dois meses de coisas boas, de mensagem de luz, aí eu disse: “Rapaz, eu posso, eu sou presidente da Comissão da Verdade e gostaria de ter umas informações”. Aí mandei um questionamento para ele. Ele me mandou logo aquele imenso currículo. Eu fiz mais duas perguntas. Ele não respondeu, mas eu vou insistir, porque ele continua mandando para mim, e em uma delas quando eu mandei fazer a pergunta ele respondeu qualquer coisa e disse: “Você deve saber, conforme o depoimento do professor Zacheu”. Como é que ele sabia que eu tinha ouvido Zacheu? Zacheu entrou em contato com ele?

Jurandyr Navarro: Domingos, houve um caso lá com Ivan Benigno que eu desconheço em que Domingos chamou e disse: “Eu vou falar aqui com Ivan Benigno e

eu quero a sua presença”. Aí Domingos chegou e foi resolver o que ele estava falando fora da Universidade. E Domingos afastou, ficando à disposição da Pró-reitoria de extensão. Domingos chegou a afastá-lo.

Carlos Gomes: Eu ia até chamá-lo, mas diante do quadro.

Conceição Fraga: As pessoas são todas do quadro. A gente tem a ficha funcional e essas fichas também sumiram. Porque ela bate com a aposentadoria...

Carlos Gomes: Professora, eu não estou dizendo que não faz muito tempo que eu requisitei um documento do arquivo da Universidade pra atender uma pessoa em Brasília e simplesmente a informação é que queimaram os documentos de tanto tempos atrás, mas um histórico escolar ser queimado não dar pra entender. Fiz um ofício para o reitor comunicando a ele que isso era um absurdo e não permitisse que queimasse esse tipo de coisa.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Porque o histórico escolar é um documento que deve ser permanente e faz parte da história da instituição. Mas queimaram e esse rapaz de Brasília certamente foi prejudicado porque ele queria pra alguma coisa, e eu mandei dizer: “Infelizmente, queimaram”. O que é que eu posso fazer?

Juan de Assis Almeida: Mas com relação [Inaudível] existem todos na Universidade.

Carlos Gomes: De quê?

Juan de Assis Almeida: De todos os servidores administrativos.

Carlos Gomes: Não. No caso dele é pior. É histórico escolar. Pior ainda.

Juan de Assis Almeida: Para a informação que a professora Conceição está solicitando tem como descobrir.

Carlos Gomes: Sim! Só ficha, mas sem juízo. Sem fazer juízo de nada, não?!

Juan de Assis Almeida: Não, só os órgãos que o servidor foi dotado [Inaudível].

Monique Maia de Lima: Essa última questão, já que estamos falando tanto sobre documentação...

Jurandy Navarro: [Inaudível]

Monique Maia de Lima: Quando o senhor chegou a ASI encontrou alguma documentação referente a esses inquéritos, já que conseguiu responder alguns ofícios?

Carlos Gomes: Alguns ofícios, é verdade.

Monique Maia de Lima: E assim, quando o senhor saiu da ASI, esses documentos continuaram lá? Onde foi parar essa documentação da ASI?

Jurandy Navarro: Eu não sei bem, porque eu fiquei ausente da ASI. Fisicamente por que eu ficava acumulando lá e no final da gestão de Domingos eu não retornei para dar expedientes durante anos na ASI [Inaudível].

Monique Maia de Lima: Mas então assim...

Jurandy Navarro: O próprio reitor não tomou a iniciativa, porque não queria que a ASI prosperasse. Eu achei tipo assim, [Inaudível] Ele não fez nomeação do novo titular. Ele deixou o mesmo se extinguir aos poucos.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Olha isso que [Inaudível] Na gestão seguinte, que é a de Diógenes, quem lhe sucedeu?

Juan de Assis Almeida: Não, na ASI é?

Patrícia Wanessa de Moraes: Continua, Adriel.

Juan de Assis Almeida: Na ASI, é? Adriel começou com Domingos.

Carlos Gomes: Daladier...

Juan de Assis Almeida: Passou por Diógenes, e foi pra gestão de Genivaldo, ficando aí um período.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Aí ele já era chefe de Gabinete... Adriel já era...?

Juan de Assis Almeida: Já era?

Carlos Gomes: Não.

Juan de Assis Almeida: Não? Ele foi chefe de gabinete só do professor Domingos?!

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você disse que Adriel começou como chefe no final?

Almir Bueno: No final.

Juan de Assis Almeida: De Domingos.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você já era...

[Inaudível].

Jurandy Navarro: Não, eu desconheço que ele tenha sido nomeado. Pode ter sido nomeado, mas não sei se foi nomeado.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Se eu disser um negócio a vocês que agora eu me lembrei da professora Araci Siqueira. Ela me disse.

Juan de Assis Almeida: Ela não é professora.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Ela me disse pelo telefone uma informação que bate com a de Moisés Renato Leite, que essa documentação possivelmente está na segunda divisão de não sei o quê do Exército.

Juan de Assis Almeida: Na segunda seção.

[Inaudível].

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Mas José Renato já disse, eu perguntei.

Carlos Gomes: Mas ele respondeu.

[Inaudível].

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu já ouvi esse boato.

Carlos Gomes: Mas essa menina, essa pessoa, Araci... Ela disse a mesma coisa.

Juan de Assis Almeida: Com essa suspeita que está na segunda sessão.

Carlos Gomes: Eu vou ver como é que faço.

Almir Bueno: Vai solicitar!

Carlos Gomes: Vou ver como é que eu posso solicitar sem ter que ficar preso num... É?

Almir Bueno: Não estamos na ditadura.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Você se lembra, Jurandyr, da existência de algum cofre lá na ASI? No tempo em que você... Um cofre em que os documentos eram guardados, você se lembra?

Jurandyr Navarro: Lembro de um quartinho como esse aqui, comum. Que tinha gaveta.

Monique Maia de Lima: O cofre.

Jurandyr Navarro: Mas se existia eu não me lembro não.

Kadma Maia: Professor?

Jurandyr Navarro: [Inaudível]

[Inaudível].

Carlos Gomes: Há! Tem uma informação aqui interessante. Não tinha atento, mas o cofre está aqui com a gente. O cofre está na nossa sala.

Kadma Maia: Por que um dos jornais disse que quando a ASI foi extinta, num foi Juan? Quando a ASI foi extinta...

Juan de Assis Almeida: Foi transferida.

Kadma Maia: E ela foi transferida. A mobília foi destinada a setores diferentes e a CPPD da época tava precisando...

Juan de Assis Almeida: De um arquivo de aço.

Kadma Maia: E esse arquivo de aço estava no CPPD e agora está na nossa sala. Vamos tirar foto [risos].

[Inaudível].

Carlos Gomes: Atenção que a gente tem que ouvir Hermano. Diga Moisés.

Moisés Souza: Professor, a informação que tem aqui é que tinha um rapaz que ele levava e trazia informações para ASI. O senhor teve conhecimento de pessoas que faziam isso, que ficavam rondando os alunos, servidores?

Jurandy Navarro: Eu já disse aqui que havia [Inaudível] informantes [Inaudível] Informações que nem sabia de onde vinham.

Moisés Souza: Não tinha uma pessoa fixa? Por que essa pessoa era fixa.

Jurandyr Navarro: Eu não me lembro não.

Moisés Souza: Era um servidor que fazia isso aqui.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Na área da saúde, Ivan Benigno de quem Zacheu – o antecessor dele – disse que ele não trabalhava lá, na própria ASI, era lotado de gente da área da saúde, o pessoal do Centro de Ciência da Saúde sabia que ele era notório e [Inaudível] ele já estava nisso.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Nós temos até que ouvir um rapaz.

Moisés Souza: É o Milton.

Carlos Gomes: A gente já sabe o nome dele.

Moisés Souza: É o Milton Alves.

Carlos Gomes: Já está elencado.

Moisés Souza: Ele fazia esses serviços aqui na Universidade. Pelo menos um deles.

Jurandyr Navarro: Ele foi [Inaudível] Sargento Onofre?

Moisés Souza: Não, ele é servidor.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Milton Alves?

Moisés Souza: Milton Alves!

Carlos Gomes: Não é uma história de um pipoqueiro?

Kadma Maia: É o do mel.

Moisés Souza: Na época ele andava justamente com um carrinho, não é? Aí eu acho o seguinte: ele foi contatado porque vivia justamente [Inaudível] pra ser olheiro.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Foi recrutado.

Moisés Souza: Foi recrutado, e ele fez isso até assumir e ser servidor NE. Não sei como ele chegou a ser servidor.

Juan Almeida: A informação é que ele...

Moisés Souza: A gente vai saber quando ele chegar aqui.

Carlos Gomes: Bom, gente.

Juan de Assis Almeida: Espera aí! Foi uma portaria de Onofre Lopes cedendo e nomeando uma comissão geral de investigação do Estado que fez parte de diversas comissões de investigações.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Houve a disposição?

Juan de Assis Almeida: Houve a disposição.

Carlos Gomes: Bom, alguma pergunta mais?

[Inaudível].

Carlos Gomes: Nós temos que ouvir o professor Hermano, alguma pergunta a mais?

Hermano Machado: [Inaudível] o doutor Olavo?

Jurandyr Navarro: Não, Olavo era o secretário.

Hermano Machado: Secretário?

Carlos Gomes: Ô Jurandyr...

Jurandyr Navarro: Olavo Medeiros.

[Inaudível].

Jurandyr Navarro: Era secretário [Inaudível].

Carlos Gomes: Jurandyr, não havendo mais nenhuma pergunta você tem a palavra pra consideração final.

Jurandyr Navarro: Não, apenas queria dizer e agradecer [Inaudível] por algumas informações. Continuo à disposição para qualquer problema. Do meu tempo eu posso lembrar, eu não posso é gravar tudo [risos].

Carlos Gomes: Pois então, nós agradecemos.